

RÉQUIEM PARA A VILA KYRIAL

Everardo Tibiriçá

No inverno, em junho ou julho de 1961, ao saber da demolição da **Vila Kyrial**, dirigi-me para lá. A manhã nublada estava de acordo com o acontecimento nada alegre. A névoa redigia no espaço não sei quantos epitáfios. E havia razão para tais lápides. De fato, a **Vila Kyrial** morria, morria indefesa ante a moléstia dos vandalismos paulistanos. Seu nome, porém, ainda que extinta, impõe respeito à etimologia. Ninguém se atreve a dele exilar o Y grego, letra com a desejada feição de um lírio que pendesse da haste, enamorado, da ternura do próprio perfume. Termo de significado litúrgico, cognato de **Kyriale** e **Kyrie**, bem caracterizava a escola poética a que se filiou, gaulesmente ou burguesmente, o proprietário daquela esplêndida vivenda.

Mansão surgida há mais de meio século,* em época de pouco alarde arquitetônico, época de pudor do exagero, a **Vila Kyrial** apresentava apenas traços sóbrios. São Paulo, nesse tempo, não admitia excessos. A sinceridade andava conosco, envolta no acalanto do sossego. As ruas, repousantes, provocavam espécie de sonolência nos transeuntes. Bondes lerdos, de tração animal, sugeriam idéias de algum enxerto de lesmas em tartarugas... Alongavam-se as noites com as humildes reticências dos lampiões, lampiões que solicitavam a colaboração e mesmo assinavam convênios com a claridade da lua e das estrelas...

José de Freitas Vale, gaúcho de origem, nascido na cidade de Alegrete a 10 de dezembro de 1870, emigrara jovem, lá editando seus **Rebentos**, poema em oitavas, motivo de perpétua penitência. Aqui, ingressa na Academia de Direito, formando-se em 1891. Familiarizado com a literatura e o idioma franceses, inscreve-se, em concurso, para a cadeira dessas matérias no Ginásio Oficial do Estado de São Paulo. Único candidato habilitado, obteve nomeação em 1894. Durante exatamente quarenta e três anos e sete meses lecionou aquelas disciplinas. Desdobrava-se, além do magistério, no desempenho da advocacia.

Pertenceu à geração que iniciou, nesta Piratininga, a chamada seita nefelibata. Teve por amigos um Alphonsus de Guimaraens e um José

(*) Tenha-se em conta que o autor escrevia em 1961. (N. da R.):

Severiano de Resende, um Álvaro Viana e um Adolfo Araújo, um Alberto Ramos e um Adalberto Guerra Duval, etc.

Essas seis personalidades, quatro mineiros e dois filhos dos pampas, são dignas de referências especiais.

Alphonsus de Guimaraens, antes do enraizamento místico em Mariana, estava longe da displicência no trajar, pois era um perfeito dândi. Chegara a usar fraque e calças listradas, no último figurino, com a irrepreensível cartola cinza, de pêlo, alarmando, com semelhantes ademanes, a atenção de todos.

José Severiano de Resende, índole violenta, interromperia o curso no primeiro ano, na Faculdade das Arcadas, em virtude de apagar o golpe republicano desferido contra o monarquista Conselheiro Justino de Andrade, que se vira alijado da cátedra. Tornar-se-ia padre. E, embora abandonando, a sotaina em situação dramática, prosseguia causando a impressão de envergá-la. No convívio de amigos e até na alusão de adversários, jamais perderia o título eclesiástico. Era padre José Severiano de Resende na totalidade dos arroubos da existência. Em São Paulo, Santos e Rio, no exercício do jornalismo, empunhava bengala que muito se identificava a cajado para “peregrinar” na anatomia de quem com ele se incompatibilizasse em polêmicas. Transferindo-se, afinal, para Paris, ali sucumbiu, parco de recursos, a 14 de novembro de 1931.

Álvaro Viana, irmão do poeta Augusto Viana, inventou, em Belo Horizonte, a revista **Horus** que, na fase de berço do segundo número e segundo mês, em agosto de 1902, de modo previsto se extinguiria. Nela colaboraram Alphonsus de Guimaraens em francês, com o pseudônimo de “Vicomte Antoine de Grandeuil” e José de Freitas Vale, igualmente sob o disfarce em que se tornaria popular de “Jacques D’Avray”.

Adolfo Araújo, homem que não deixou livros, espadachim foi desde os primórdios de estudante. Agitou São Paulo com a famosa **A Vida de Hoje**, semanário satírico que arrepiou reputações na seção “Cemitério Gaiato”. Fundou **A Gazeta** em 1906.

Alberto Ramos, sereníssimo guasca, apesar de ledor de Nietzsche e de sobrinho de Gaspar Silveira Martins, nunca pretendeu possuir, deste, o minuano oratório. Era criatura de avareza no emprego dos vocábulos. Ático, fugia de congestionar de púrpuras as frases que escrevia. Traduziu Heine com perícia, escondendo-se em “Marcos Castro”. Acompanhou Olavo Bilac e Martins Fontes na instalação, em França, da **Agência Americana**. De retorno ao Rio, foi redator exemplar da **Agência Havas**.

Adalberto Guerra Duval, de quem se afirma ter sido o precursor do verso livre em nosso País, deixou somente um livro, intitulado **Palavras que o vento leva...**, impresso em Bruxelas, 1900, de

tiragem limitadíssima. Secretariou o semanário **Rua do Ouvidor**, colaborou em vários jornais e revistas. Um dia, desistiu de tudo, abraçando a carreira diplomática. Esteve em Roma, Buenos Aires, Assunção, Colômbia, Holanda, Alemanha e Lisboa. Aposentando-se, passou a residir em Petrópolis, falecendo em 1947.

A **Vila Kyrial**, de aspecto casmurro por fora, constituía o centro paulistano onde se reuniam os políticos, cientistas, visitantes ilustres e os intelectuais de nossa Capital. Internamente, recordava um palacete de Versalhes. Os poetas simbolistas, ali, figuravam com a força das convicções poéticas adotadas. Entretanto, para outros freqüentadores, não predominava nenhuma distinção de culto religioso, estético ou partidário. As portas da **Vila Kyrial** não precisavam esconder a superioridade do ecletismo.

Os jardins da **Vila Kyrial** com suas alamedas margeadas de plátanos insuflavam os espíritos às coisas altas do pensamento. Não faltava, àqueles recantos floridos, a música líquida de velhos repuxos boêmios.

Os homens de mais evidência de São Paulo e do Rio conheceram seus salões e o anfitrião amável que se chamou José de Freitas Vale. Washington Luís, presidente do Estado, pisara os tapetes com a decência da gente de antanho. Bernardino de Campos e Carlos de Campos discretearam amenidades. Altino Arantes, absoluto de compostura mental, falava de autores clássicos. Coelho Neto, Martins Fontes, Olavo Bilac, João do Rio, Aloísio de Castro, Guilherme de Almeida, Edvard Carmilo e outros davam asas à fantasia. Victor Brecheret, o criador do monumento às Bandeiras, tivera em José de Freitas Vale o melhor incentivo e Mecenas.

Na **Vila Kyrial** ocorreu episódio interessante quando da passagem de Vargas Vila em nosso País. Entrevistado por Saul de Navarro (Álvaro Henrique Moreira de Sousa), na **Gazeta de Notícias**, do Rio, em 1924, trabalho hoje constante d'**O Espírito Ibero-Americano**, Vargas Vila confessa: "Em São Paulo muitas senhoras me fizeram a honra de desejar ouvir-me discorrer sobre um tema literário, mas não pude satisfazê-las. Não poderia falar diante de senhoras sobre as minhas idéias políticas, nem mesmo sobre as minhas idéias estéticas, porque, com certeza, iria provocar-lhes o pudor; e eu acho o pudor, mesmo à força de **rouge**, uma coisa abominável".

Apesar dessa ressalva, o autor de **Ibis** resolveu aceder em pronunciar na **Vila Kyrial**, aos 25 de março de 1924, "El Fin del Arte", conferência que não passa de anêmico jogo de palavras e hoje se encontra em **Pólen Lírico**, livro no qual a enfeixou Vargas Vila, edição de Ramón Sopena, Barcelona.

A biblioteca da **Vila Kyrial** assinalava verdadeira tentação. Aproximadamente cinco milheiros ostentavam encadernações efetuadas

em Paris, com lombadas de nervuras e títulos que brilhavam como malacachetas, numa orgia austera de escritores de todos os tempos.

Na adega, zona tranqüila de teor subterrâneo, através de quinze compartimentos, houve período em que vinte mil garrafas pareciam artérias com o sangue dos parreirais de incontáveis nações. O sono dos frascos dependia do palpite do respectivo donatário para a hora do espocar, do saltar da rolha.

A pinacoteca surpreendia. O número de telas excedia de quinhentas, assinadas por pintores que se celebrizaram. As esculturas passavam de duzentas.

Jacques D'Avray, o segundo "Eu" de José de Freitas Vale, externava-se, na literatura, em versos franceses impecáveis. Publicou duas séries, em 1916 e 1917, dos **Tragipoemes**, impressas em **plaquettes**, sendo que cada uma delas encerrava sete obras, concatenadas em escrínio. Quanto ao apuro bibliográfico, afirma-se terem sido essas as edições de maior luxo surgidas até agora no Brasil.

Valioso o arquivo de... Jacques D'Avray. Dezenas de cartas de Alphonsus de Guimaraens estão à espera de alguém que as colija e comente. Algumas, de tom humorístico, pedincham empréstimos, tamanho era o franciscanismo em que se arrastava o autor de **Setenário das Dores de Nossa Senhora, Câmara Ardente, Dona Mística e Kyriale**, lutando para o sustento de catorze filhos menores.

Sabe-se que a biblioteca já se encontra em poder acertado da Academia Paulista de Letras. Os vinhos, doados, seguiram caminhos e paladares diferentes. Ignora-se o destino dos quadros.

Os saudosos José de Freitas Vale e... Jacques D'Avray pouparam-se ao sofrimento de assistir à dispersão das preciosidades colecionadas com amor, devoção, raciocínio requintado.

A **Vila Kyrial**, ao emergir na rua Domingos de Morais, recebera, primeiramente, o número 54, originado na Municipalidade. São Paulo exorbitou-se e o algarismo engordou para 300. Hoje, para tristeza dos paulistanos, voltou às cinzas dos zeros*. Cresceu no mesmo local um dos usuais espantosos edifícios rumo às nuvens ou ao mundo da Lua. O óbito da **Vila Kyrial** está lavrado em ciprestes de cimento armado. Agora, na manifestação vertical e tumular do concreto, os pobres pássaros já não encontram partituras. Os repuxos emundeceram em definitivo. Flores e folhagens omitiram-se.**

(**Vôo sem asas**, 135-138. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1987)

Nota da Redação

(*) A alteração do número foi devido ao fato de haver a Prefeitura, a partir de certo momento, adotado o sistema de numeração das casas por metragem e não de casa em casa, como outrora se fazia.

(**) Em saudação dirigida ao maestro, pianista e compositor paulista Souza Lima, em 1972, a propósito do cinquentenário de sua brilhante estréia no Conservatório de Paris, o responsável por esta publicação referiu-se ao quanto Souza Lima ficou devendo à Vila Kyrial, do Senador Freitas Vale, em palavras que aqui se transcrevem, corroborando o que foi dito pelo escritor Everardo Tibiriçá:

"Sua carreira (de Souza Lima) se define, por assim dizer, nas reuniões famosas e de tanta projeção na vida social e intelectual de São Paulo, promovidas por Freitas Vale, em sua Vila Kyrial, na Vila Mariana, na capital paulista. Lá centralizava-se, de certa forma, o mundo intelectual e artístico de São Paulo, a ela comparecendo, inclusive, figuras ilustres, de passagem pela cidade. A fidalguia do senador gaúcho que soubera dar à sua residência o mesmo toque de elegância, de distinção e de bom-gosto, que nos habituamos a ver, pelas leituras, nos famosos salões franceses da era romântica ou da "belle époque", contribuiu enormemente para aglutinação do que São Paulo possuía de mais expressivo naqueles anos de transição que coincidem com a segunda década de nossa centúria. Ali se reunia um círculo que bem definia a época: homens do passado, homens de futuro, artistas, poetas, políticos, intelectuais mais diversos e até pseudo-intelectuais, nativos ou estrangeiros, enfim toda uma 'fauna sem bússola', para usar a sarcástica expressão de Oswald de Andrade. E era ainda o irreverente e incorrigível Oswald quem, ao mostrar os extremos a que chegava a legião de freqüentadores das 'avinhadadas reuniões' da Vila Kyrial, dizia que lá podia ser encontrado, desde um fútil e medíocre diplomata, cujo nome não precisa ser citado, até uma 'promissória de gênio', que era o pianista Souza Lima..

Xavier Leroux, o grande mestre francês, de passagem por São Paulo, à frente de um conjunto lírico, teve ocasião de comparecer a uma das reuniões da Vila Kyrial e ali ouviu Souza Lima. Resultado: endossou a 'promissória' a que se referia Oswald de Andrade, levando o senador gaúcho a conseguir do governo do Estado uma bolsa para que o talentoso pianista e já compositor pudesse estudar em Paris".